

# ONOVOCONGRESSO

## Veja: com tanta vaia, até Maluf ficou assustado.

A vaia foi tão intensa que fez Maluf ficar assustado — e até corar. Todos já estavam esperando a manifestação das galerias na posse dos novos deputados e o próprio Maluf, aparentava ansiedade. Os deputados, num clima muito informal, no qual o ceremonial foi esquecido, iam sendo chamados pelo nome e faziam o juramento à Constituição. Quando chegou a vez de Maluf, as vaias começaram e demoraram uns dois minutos. Maluf, que já passou por situações semelhantes muitas vezes, ainda olhou para as galerias e sorriu.

Mas Maluf não foi o único a ser vaiado na cerimônia de posse da Câmara. A sua vaia foi maior, mas outros, como o major Curió e Agnaldo Timóteo (este recebendo alguns aplausos), também foram apupados pela galeria num clima totalmente informal, onde pessoas estranhas invadiram o plenário, misturando-se com deputados. Já no Senado a cerimônia foi bem mais formal.

Num ambiente festivo, o presidente Nelson Marchezan abriu a sessão com 20 minutos de atraso, por volta das 15h30. As galerias já estavam lotadas desde as 14 horas e as pessoas não se limitaram a assistir à sessão, participando dela também. Antes mesmo do início dos trabalhos, um grupo de garimpeiros de Serra Pelada começou a chamar o major Curió e foi saudado pelas primeiras vaias.

Os primeiros aplausos foram para Juruá, que, reluzente num terno azul-marinho, como manda o protocolo, visitou as galerias.

Aberta a sessão, a primeira questão de ordem do quadriênio, levantada pelo líder do PMDB, Freitas Nobre, solicitava que constasse da ata da sessão a ressalva do partido ao juramento constitucional. "Ao lado da plena restauração do estado de direito democrático inserido no programa do PMDB registrado no Egrégio Tribunal Superior Eleitoral defendemos a convocação de uma Assembléa Nacional Constituinte livre e soberana, que a própria realidade brasileira está reclamando como aspiração nacional, saída honrosa e pacífica para o impasse constitucional em que a Nação ainda se encontra mergulhada."

Uma questão de ordem formal colocada para livrar o PMDB do compromisso de jurar e defender a Constituição, uma praxe que se repete nas ocasiões de posse. O presidente Marchezan, também seguindo a praxe, argumentou que não era possível mudar os termos do juramento.

Já o líder do PT, Ayrton Soares, preferiu enviar documentos ao presidente, ressaltando que sua bancada não concordava com a atual Constituição, "outorgada e não emanada efetivamente da vontade do povo ou de seus representantes eleitos", e que restringe o direito dos trabalhadores.

Após a colocação da questão de ordem do PMDB, intensificaram-se manifestações do plenário. Os deputados foram chamados, como de praxe, pelos Estados de Norte a Sul. Os aplausos e vaias revezavam-se. O major Curió, do PDS do Pará, ficou meio sem jeito e provocou risadas ao responder com um "obrigado" às vaias que lhe eram dirigidas.

Quando foi chamado o Estado do Rio de Janeiro, aplausos do plenário, provavelmente devido ao fato de Brizola ter sido eleito governador do Estado. Mas os deputados daquele Estado também tiveram de dividir as vaias e aplausos. Entre os veteranos, vaias também para Magalhães Pinto, de Minas Gerais.

Quando a chamada foi chegando perto de São Paulo, criou-se o ambiente de expectativa. Maluf estava sentado na primeira



Maluf na hora das vaias: a claquete organizada falhou.

fila, numa cadeira cedida pelo líder do PDS, Hugo Mardini. Também na primeira fila, o ministro Abi Ackel, o presidente do PDS, José Sarney, que se afastou discretamente quando soaram as vaias, e o ministro das Minas e Energia, César Cals, que aguentou firme ao lado de Maluf.

Maluf até que preparou o ambiente de sua posse. Um avião especialmente fretado levou muitos correligionários para aplaudí-lo em Brasília. Acontece que o avião ficou retido em Congonhas e chegou atrasado. Ainda em Congonhas, a deputada estadual eleita Ruth Escobar, do PMDB, embarcou por engano e acabou indo a Brasília no avião malufista. Ela até tentou fazer o comandante desligar as turbinas, mas não foi possível. No Congresso, no gabinete de Franco Montoro, em tom de brincadeira, ela foi saudada como a primeira "malufista do PMDB".

Também na hora da vaia, o sistema de som foi estrategicamente desligado e a manifestação ficou restrita ao plenário. Os malufistas ainda tentaram ensaiar um coro de "Um, dois, três, Maluf, 86", mas outros retrucaram com outro coro: "Um, dois, três, Maluf no xadrez".

Outros deputados de São Paulo tiveram melhor sorte. Foram aplaudidos Beth Mendes e José Genoíno do PT e Mário Covas do PMDB. Mas Ivete Vargas, do PTB, foi vaiada.

O mais aplaudido de todos, com parte do plenário e das galerias de pé, foi o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães.

### Senado

No Senado, a posse foi bem mais calma. O ambiente era mais formal, mas parentes e convidados invadiram o plenário quase impedindo que o discurso de Passos Porto, que falou na qualidade de primeiro vice-presidente, fosse ouvido. Os senadores, dos quais 22 foram eleitos e somente três reeleitos, pareciam mais preocupados em se cumprimentarem do que em ouvir o discurso, que salientou a importância dos trabalhos que serão desenvolvidos pelo Congresso e as dificuldades que ele encontraria pela frente. "Creio que o Congresso eleito em novembro traz a predestinação da grande honra da restauração nacional que estamos vivendo", disse Passos Porto. O juramento foi lido por Carlos Chiarelli, do Rio Grande do Sul; e Marco Maciel, várias vezes saudado como "meu presidente", foi o mais cumprimentado na sessão que durou apenas 20 minutos.

### Mesa

Hoje, Senado e Câmara elegem as suas mesas diretoras. Os acordos interpartidários já foram feitos e os partidos já escolheram os seus representantes. Assim, as eleições deverão ser apenas homologatórias.

O Senado será presidido por Nilo Coelho, do PDS de Pernambuco. O primeiro vice será Moacyr Dalla, do PDS do Espírito Santo; o segundo vice-presidente será Jayson Barreto, do PMDB de Santa Catarina; o primeiro secretário será Milton Cabral, do PDS de Santa Catarina e o 4º secretário, Raimundo Parente, do PDS do Amazonas.

Flávio Marcílio deverá ser conduzido pela terceira vez à presidência da Câmara. Participarão também da mesa Paulino Cícero, do PDS de Minas Gerais, como primeiro vice-presidente; Walber Guimarães, PMDB do Paraná, 2º vice-presidente; e Fernando Lyra, do PMDB de Pernambuco, primeiro secretário. O deputado Amaury Müller, do Rio Grande do Sul, será o representante do PDT na mesa e Francisco Studart, do Rio de Janeiro, o do PTB.